

PETRÓLEO

POR DENTRO DO

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS DA PETROBRÁS ANO 1 Nº 1 1992

Governo prejudica Petrobrás

O que você diria se o dono de uma empresa a forçasse sistematicamente a vender seus produtos por preços inferiores aos custos de produção?

Como é que você reagiria ao saber que este mesmo proprietário é dono de outras companhias, que se recusam a pagar seus débitos com a empresa que já vem operando com prejuízos? O que você pensaria do dono de uma empresa que, apesar desta ser eficiente e ter grande prestígio internacional, a assiste tranquilamente acumular um déficit de caixa mensal de US\$ 100 milhões? Você diria que estas são hipóteses descabidas, piadas de mau gosto, que não merecem análise séria. Uma situação destas jamais ocorreria no mundo dos negócios.

Pois bem, por mais incrível que pareça, é exatamente isso que o sócio majoritário da Petrobrás (o governo federal) vem fazendo com a maior empresa do país. A Petrobrás importa, atualmente, o barril de petróleo, levando-se em conta os gastos com fretes e seguros, por US\$ 20,1. Pois bem, na planilha de custos da empresa, vigente em 21 de julho, esse barril é contabilizado a apenas US\$ 13,69. Moral da história: em cada barril de petróleo importado a Petrobrás perde US\$ 6,41.

Como a Petrobrás importa aproximadamente 550 mil barris/dia — quase metade do consumo nacional — a companhia perde, por mês, nada menos que US\$ 100 milhões, o que representa um prejuízo anual de US\$ 2,3 bilhões. Além disso, como já foi denunciado pela Associação dos Engenheiros da Petrobrás (Aepet), a Petrobrás vem acumulando perdas com a comercialização do álcool, que já

chegam a US\$ 758 milhões, e não consegue sensibilizar o governo para que os órgãos governamentais paguem o que devem à empresa. Tal débito já supera os US\$ 3,5 bilhões e só nos últimos quatro meses aumentou em US\$ 500 milhões. Nem mesmo a recomendação do Tribunal de Contas da União (TCU), que realizou auditoria na Petrobrás, em setembro de 1990, por solicitação de Aepet, de que a dívida fosse liquidada mostrou-se capaz de reverter esse quadro. Pelo contrário, desde então a situação se agravou violentamente.

Apesar de amargar um déficit de caixa mensal de US\$ 100 milhões, a Petrobrás é obrigada ainda a subsidiar a nafta petroquímica, o que significa uma perda de receita de US\$ 472 milhões por ano. A situação financeira da empresa é tão dramática que vêm se agravando os atrasos no pagamento de faturas, o pagamento dos salários dos funcionários não está sendo feito em dia e os acionistas ficaram sem dividendos pela primeira vez em 38 anos. Para uma empresa como a Petrobrás, que sempre honrou escrupulosamente seus compromissos, essa é uma situação inusitada e até humilhante.

Depauperada pelo seu acionista controlador, sofrendo evasões crescentes de receita, a Petrobrás é forçada a acumular dívidas a curto prazo. Informações já veiculadas pela imprensa mostram que os débitos de curto prazo da empresa atingem US\$ 3 bilhões e, só no primeiro semestre de 92, o serviço dessa dívida representou uma sangria de recursos de US\$ 500 bilhões. Diante desse quadro de descalabro fi-

nanceiro não pode causar surpresa o fato de que a Petrobrás esteja sendo obrigada a reduzir dramaticamente seus investimentos em termos reais com prejuízos enormes para o país. Este ano, em vez dos US\$ 3 bilhões aprovados pelo congresso nacional, a companhia conseguirá investir a duras penas US\$ 1,5 bilhão.

O mais grave é que essa compressão dos investimentos ocorre num momento em que a companhia exibe a melhor carteira de projetos de sua história, aproximadamente 200, alguns deles com taxas de retorno fabulosamente elevadas. O Campo de Marimbá poderá produzir 90 mil barris/dia e proporcionar um retorno de 130% ao ano, permitindo em apenas um ano o retorno do dinheiro aplica-

do (estimado em US\$ 474 milhões). Já o campo de Albacora poderia produzir 250 mil barris/dia, com uma taxa de retorno de 80% e lucros mensais de US\$ 40 milhões, desde que fossem feitos investimentos em módulos de US\$ 200 milhões cada. E por aí vai.

Essa é a situação da Petrobrás. Dados como esses certamente deliciarão os inimigos da empresa, do monopólio estatal do petróleo e da luta pela auto-suficiência na produção de petróleo. Mas, todos aqueles que sonham com um Brasil forte e independente não poderão deixar de exigir do governo federal que trate a empresa com o respeito que ela merece, devido aos relevantes serviços que vem prestando ao país desde que foi fundada, em 1953, graças a uma das maiores campanhas de mobilização popular já realizadas no Brasil.

Dívida de curto prazo da empresa cresce e já chegou a US\$ 3 bilhões no 1º semestre de 92

Mau negócio

■ Além de mostrar pouca simpatia pelo monopólio estatal do petróleo, o governo Collor vem enfraquecendo a Petrobrás através da privatização de suas empresas petroquímicas, como a Petroflex e a Copesul (até recentemente subsidiárias da Petroquisa). Ambas eram empresas rentáveis e com excelente posição no mercado. A Petroflex tem o monopólio da produção de borracha sintética e de combustível para foguetes. Já a Copesul foi considerada, em 91, pela Revista Exame como a melhor empresa do setor petroquímico.

Além de injustificável, a privatização dessas duas empresas representou um péssimo negócio para a Petroquisa. Elas foram trocadas por títulos públicos de longo prazo, sem que tenham sido definidas a rentabilidade e o prazo de resgate. E mais: os títulos ainda não foram entregues pelo governo federal à Petroquisa.

Um caso evidente de desrespeito aos acionistas minoritários da Petrobrás e de dilapidação do patrimônio público. Em tempo: todas as grandes companhias petrolíferas do mundo têm participação na área petroquímica.

Cartas marcadas

■ Certos setores empresariais não escondem seu interesse em aumentar a dependência brasileira do petróleo importado, para que possam realizar negócios lucrativos. Por isso, atacam a estratégia da Petrobrás de elevar a produção nacional e fazem campanha contra o monopólio estatal do petróleo.

Esses lobistas receberam recentemente um importante reforço: as empreiteiras. Para estas, quanto mais o país gastar com a compra de petróleo no exterior, melhor será. Afinal de contas, o governo federal decidiu, em julho do ano passado, taxar em 10% os dispêndios com a importação de petróleo para aplicar tais recursos no programa de recuperação de estradas. Posteriormente, a taxa foi elevada para 19% e o Ministério dos Transportes já chegou a postular seu aumento para 47%.

As grandes empreiteiras estão, é óbvio, de olho nos recursos que essa taxa irá gerar, que deverão alcançar trilhões de cruzeiros. Como é de conhecimento público, as empreiteiras estão com capacidade ociosa e, portanto, o programa de recuperação de estradas viria a calhar... Logo, não será surpresa se em breve os empreiteiros começarem a bombardear a Petrobrás.

Quem está certo?

■ Enquanto o governo brasileiro privatiza as subsidiárias da Petrobrás, alegando que a empresa deve se limitar a atuar na área de petróleo, as demais companhias petrolíferas diversificam suas atividades e se transformam em conglomerados multissetoriais. A Exxon, por exemplo, atua na área de energia nuclear, na produção de combustíveis sintéticos, zinco, cobre e em informática e novos materiais. Já a ELF (francesa) entrou na produção de carvão, níquel, enxofre, urânio, zinco, prata, fosfato, chumbo, isso sem falar em fármacos, cosméticos, materiais de construção e nos projetos de biotecnologia que vem desenvolvendo.

Gordos lucros

■ Os bancos norte-americanos estão engordando seus lucros, trocando os duvidosos títulos da dívida externa de países latino-americanos, que têm em geral no mercado secundário uma cotação correspondente a no máximo 40% de seu valor original, por ativos das empresas estatais.

Um dos maiores beneficiários desse tipo de operação é o Citicorp, principal credor privado do Brasil. O vice-presidente do Citicorp, William Rhodes, revelou ao New York Times que o banco adquiriu grandes lotes de ações da Telebrás (brasileira) e da ENTEL (argentina). O valor dessas ações triplicou desde o final de 1990.

O banco admite ter lucrado US\$ 600 milhões com essas operações. Analistas de Wall Street estimam, porém, que os ganhos foram bem maiores podendo ter alcançado US\$ 1,5 bilhão.

Como o programa de privatização brasileiro admite participação acionária de companhias estrangeiras (até 40%) nas empresas a serem ven-

didadas, os banqueiros internacionais certamente esperam trocar títulos da dívida por ações das estatais. Um excelente negócio, levando-se em conta principalmente o fato de que as ações dessas empresas andam subvalorizadas, sendo transacionadas em alguns casos a preços vis.

Medalha de ouro

■ A Petrobrás é ineficiente, como dizem seus críticos? Como explicar, então, que a produção de petróleo da empresa tenha crescido 13,3% ao ano, no período 1980/90, contra 2,4% da Exxon, 3,4% da Shell, -15% da Texaco, e -0,4% da British Petroleum?

Como explicar, também, que as reservas de óleo da Petrobrás tenham apresentado uma taxa de expansão anual, no período 1980/90, de 7,7% contra 0,1% da Exxon, 5% da Shell, 3,9% da Texaco, 3,6% da Mobil e -1,8% da BP? Dizem que contra fatos não há argumentos. Eis aí os fatos.

Você Sabia?

• Se na década de 80 todos os derivados de petróleo fossem importados do mercado de Rotterdam, o consumidor brasileiro teria arcado com despesas adicionais de US\$ 58 bilhões – aproximadamente metade da dívida externa brasileira.

• As nossas reservas de petróleo computadas as reservas em águas profundas já atingem 10 bilhões de barris, sendo superiores às da Exxon e da Shell – as duas maiores companhias petrolíferas do mundo – e valem US\$ 200 bilhões.

• A Petrobrás tem a mais avançada tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas do mundo e seu grau de acerto médio na perfuração de petróleo na plataforma submarina é de 52%. A média mundial não passa de 5%. As informações são da revista World Oil.

• Em seus 39 anos de existência a Petrobrás formou mais de 20 mil engenheiros, geólogos, gerentes e técnicos das mais diversas especialidades.